



A DIALÉTICA DA AUTOESTRADA

Ana Maria Isabell

(2018)





A DIALÉTICA DA AUTOESTRADA

Ana Maria Isabell

(2018)



i74

Isabell, Ana Maria
A dialética da autoestrada / Ana Maria Isabell – São
Paulo: Córrego, 2018.

36 p.; 14 × 21 cm

ISBN 978-85-7039-015-8

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Isabell, Ana Maria. II. Título.

CDD B869.1

capa

Lilli Ferreira

Editora Córrego
Rua Araújo, 355 ap 31
República São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br



CONHECER ANA MARIA ISABELL

Seraphim Pietroforte

Conheci Ana Maria Isabell na minha militância Sadomasoquista; foi em um dos encontros promovidos pela Bella, no Clube Dômina. Não foi nenhuma festa noturna; foi uma tarde de debates em que eu, o Glauco Mattoso e a Wilma Azevedo fomos convidados para falar de literatura BDSM. No final do debate, uma mulher se aproxima – “sem sexo, só poesia”, como diria o poeta Delmo Montenegro – e me diz que gostaria de conversar. Embora doze anos mais nova – eu sou de 1964 –, praticamente passamos pelas mesmas coisas, ainda mais se considerarmos os avanços da literatura e do sadomasoquismo.

As questões sexuais para os BDSM não são as mesmas das demais minorias sexuais, como gays, lésbicas ou transexuais. Nos atos sexuais, sem dúvida, há erotização dos sujeitos, mas também é preciso considerar a erotização dos ritos; em outras palavras, há sexualidade no que cada parceiro é e também no que os parceiros fazem. Se gays, lésbicas e transexuais enfatizam a diversidade sexual dos sujeitos eróticos, o sadomasoquismo, o exibicionismo e o voyeurismo, por exemplo, enfatizam os ritos. Desse ponto de vista, o conceito de minoria pode ser estendido a todo aquele que estaria distante do que é considerado ritual sexual padrão, quer dizer, na nossa cultura burguesa e protofascista, a monogamia heterossexual, com ritual ligeiro, sempre em posição de missionário, o homem por cima da mulher.

No Brasil, o SM é pouco discutido – o mundo noturno do SM não combina muito bem com a cultura tropical brasileira –. Entretanto, somos alguns... na literatura, embora autores como João do Rio, no começo do século XX, aproximem-se desse universo, o marco inicial do BDSM brasileiro é, sem dúvida, a Wilma Azevedo.



O primeiro conto BDSM que li na vida foi da Wilma, chama-se *Submissão*; li na revista *Status*, uma revista masculina dos anos oitenta do século passado. O BDSM exclusivamente literário, porém, um pouco distante das preocupações jornalísticas da Wilma Azevedo, só se realizaria plenamente na obra do Glauco Mattoso; com o Glauco, o sadomasoquismo torna-se tema de várias formas literárias: poemas, contos, romances.

Com a intenção – e até mesmo necessidade – de tematizar essa diversidade sexual, quando comecei a escrever prosa e poesia, escrevi sobre sadomasoquismo. Meu primeiro romance, *Amsterdã SM*, é um romance BDSM; meu primeiro livro de poemas, *O retrato do artista enquanto foge*, é quase todo composto de poesias BDSM. Ana Maria Isabell queria, justamente, conversar comigo sobre como tematizar o sadomasoquismo, não apenas nos significados da poesia, mas em suas formas literárias. Tenho preocupação semelhante; meus poemas eróticos são, antes de tudo, sonetos, madrigais, *haikai*, poesia concreta.

Isabell é médica; a mesma profissão do poeta concreto brasileiro Edgard Braga, de quem gosto bastante – tanto que tenho dois poemas seus tatuados no corpo –. Além de apreciar a poesia do Braga, Isabell gosta de outras artes experimentais, por isso é bem fácil dialogar com ela a respeito do sadomasoquismo e de suas expressões por meio de poesias visuais, concretas, conceituais. Esse experimentalismo, tanto poético quanto erótico, é o que dá forma ao livro *A dialética da autoestrada*, que é também o título do primeiro poema. Não se trata, nesse poema, necessariamente de poesia visual, mas da distribuição do tema ao longo de pequenas estrofes, formando pequenos conjuntos relativamente autônomos, expressa no mosaico feito das muitas sensações vividas por quem fala nos versos.

Que tema seria esse, dividido prismaticamente em séries e estrofes? Um tema BDSM, constante em sua poesia – sendo possível defini-la por meio dele –; especificamente, um poema pode, no qual a narradora – o poema está no feminino, marcado, en-





tre outras classes de palavras, nos adjetivos – expressa suas sensações ao caminhar descalça por uma autoestrada. “Aconteceu comigo”, isso ela me contava, “resolvi fazer essa experiência autoerótica, sexo comigo mesma ao longo da estrada”. Foi em uma das praias do litoral paulista; ela voltou caminhando descalça da praia até a casa em que se hospedava, pelos acostamentos da rodovia... “nada como se arriscar a ficar machucada”.

O livro é tanto manifesto experimental quanto manifesto BDSM; Isabell traduz seu masoquismo nos muitos modos da poesia experimental se expressar. Vou comentar, em linhas gerais, alguns desses procedimentos, assim como as referências a alguns poetas ou poemas que consegui perceber:

(1) há recorrência às poesias visual e sonora – em *sete poemas sobre sete dores*, no poema 2, ela faz um *haikai* com o desenho de anéis de arame farpado em cinco-sete-cinco anéis; em *três poemas com interjeições de prazer e dor*, ela combina poesia visual e sonora –;

(2) há recorrência ao letrismo, isso se vê em *sm em três poemas visuais*;

(3) Ana Maria cita poetas da poesia experimental portuguesa – em *sete poemas sobre sete dores*, o poema 5 é inspirado em *Tijoleira*, do Alberto Pimenta, e o poema 6, inspirado em *O interregno*, da Ana Hatherly –;

(4) há referências a artistas performáticos que também dialogaram com a dor, como Pyotr Pavlensky e Singalit Landau;

(5) Isabell tematiza a crise de sua própria representação, dialogando com fotografias que não se sabe bem se são ou não dela mesma, como no poema visual *janelas para Isabell*, que também é uma citação do poema *janelas para Pagu*, de Augusto de Campos.

Adepta do “we fuck alone” – como sugere o videoartista Gaspar Noé – Ana Maria Isabell parece personagem de história em quadrinhos.





A DIALÉTICA DA AUTOESTRADA

se principia

sim

se começava em mim

tenho certeza disso

quase nunca tenho tantas

traçadas em amarelo ouro

os trabalhos e as noites

mais uma vez sob este luar tão claro

descansaria justamente ali

meu céu menos escuro

minha utopia vai se resumir

próxima do cinza

ali passava trilhos de trem

mesmo assim me mostrava alguma coisa disso

como posso ultrapassar você

se for tão irresistível assim

não vir atrás de mim

seria furo, furo

ir nisso tudo tão fundo?

ai

aiiiiiii

ah ah ah ah

havia agora há pouco alguma praia

estava agora há pouco diante do oceano

distantes

a dialética das plantações de mato

quem diria?

há mais mais mais estrelas no céu

completamente louca



entoaria loas loas
litanias para suavizar as dores
faz pouco tempo o tempo do sal
salsugem
maré maré maré

me poupe
laisse moi
leave me alone
se manda !!!!!!!!!

por isso mesmo, prosseguir
por isso, prosseguiria mesmo
mesmo mesmo mesmo assim

vruuummmmmmmmm

mais mosquitos voadores
sobre os céus em guerra

ziz ziz ziz zuuuuuuuuum
zaummmmm

os mosquitos são os aviões de aço
sobrevoam as cidades de todos os países
todas as estradas
as fabulações negras como a noite
que já cai

agora a pouco
sal
sol
céu
tudo de bom
de bomba
hora de voltar





obra de arte
esse meu ofício?
creio que sim
que seja

que seja já
um haikai
uma cereja

irmã Lua
não demore
para iluminar
o solo

não sei o que significa solstício

agora sem mistério?
a areia quente, quase queima
agora, sob minhas veias, veios
sob minhas plantas, cravos
pedregulhos me furam feito parafusos

em que fuso fui parar
naquela noite tão negra?

no meio da rodovia
o amarelo ouro

nitesce?

diria brilha
ficaria ainda mais nítido
fincaria cada vez mais fundo





chumbo?
 o asfalto cor de chumbo
 da densidade do chumbo
 a nuvem de chumbo pairava sobre minha cabeça
 não vou pisar nos astros distraída
 sei muito bem por onde ando
 quando ando descalça
 e
 a pé

faço assim mesmo para ver ou não ver por onde piso
 evito os caminhos lisos
 prefiro os frios
 para ficar esperta

então, você se sente viva?
 isso explica

explica

explica

explica


explica

prefiro ver aí conquista
 p e r s e v e r a n t e m e n t e
 prefiro que seja minha ação afirmativa
 meu modo de afinar a voz

vai parecer atrocidade

loquaz
 ali eu não gritaria como grito em casa
 eu não gritaria como grito em casa
 não gritaria como grito em casa
 gritaria como grito em casa
 como grito em casa
 grito em casa
 em casa





casa
mente pela sacada
minha alma sem espelhos mira
miro por onde vou quando arremessar o disco
enfim

na autoestrada escura

Bastet
me ilumina em abismo
e por acaso
reflexo
amarelo claro
vermelho estreito como Lua minguante

Flora
me mantém maluca

Hécate
me machuca
nos trechos em que não vejo por onde passo
me fira sempre que possível
opção
pré-texto
pretensiosamente bastaria estender os braços
balançar as mãos, como se aplaudisse
distender a perna fosse escultura grega
dançar depois de Isadora Duncan

com certeza
não faltariam cavaleiros para me salvar
enfermeiras vão cuidar de mim
para a maioria
aceno do acaso



acaso saiba
já é noite cerrada

mas não ergo o braço

seixos cactos cascos
sobras vidros farpas
cravos lascas bichos

restos de exoesqueletos de insetos

as mil patas dos miriápodes

cócegas como se fossem dentes sob meus pés

cobra verde escuro cobra de vidro

fumo verde, protetora folhagem

vidro, delícia de pisar e ferir

asfalto frio, beijo que não passa

os seixos? sei – os seios? esses índices empinados

trejeitos de bailarina, quem diria

descalça sobre o tablado para dançar flamenco

em alguns trechos, CRASH, vidro quebrado

com sorte, alguma coisa acesa para me queimar



antes serena, serei lunática fora da água
maresia, Gaia me protege agora

Lilith, a nuvem negra encobriu a Lua
não há mais automóveis pela autopista

aragem nas copas da Hamadriades
lufada de ar, sopro dos dragões de vidro

Ts'ui, minha felicidade fere, não tente
Ts'ui Ts'ui fariam os pássaros para me bicar

atalaia que se desnuda na neblina
nenhumas lanternas em nenhures veios

sou como os peixes dos abismos
suporto bem o peso da matéria escura

dizem que o próprio corpo
libera algumas drogas quando as coisas doem

a poeira cinza é quase perfume
uma neblina
cola como se fosse óleo
gruda como piche

meus pés cruzados parecem duas asas
quando for parar





CINCO POEMAS FEITOS COM ESTILETE

1.
seria muito simples se fosse só isso
duas tábuas de cera para meu decálogo

pass-me lo palidio

a ponta do compasso
lâmina estreita – salve minha alma

*my slave soul
don't let me down*

me lembro de um afresco de Safo
que vi no museu de Nápoles

stylus et pugilare

a grega parece uma colegial
com o lápis nos lábios
os cadernos nas mãos

2.
que frescura, safo no afresco!
será que ela se corta com o estilete?

no meu tempo, eu me cortava com compasso
levantava a saia de colegial, debaixo da carteira

mangá, você pode imaginar, eu ficava assim
Sailor Moon, no dia da Lua Vermelha

3.
entre Camila e Carmila
há erres de diferenças

entre seus d e n t e s
e
n mares nunca antes navegados
t
e
s

na epopeia
entre mentes – Camila veste uma armadura

logo

koré com algum estilo
vou me arranhar ao menos
com uma das duas

4.
imagina só
Safo
se você fosse mais velha
eu mesma
musa
de menoridade
somenos importância
você daria ao fato
de que seria rapto?

então me corte
Safo
antes que seja tarde



5.
estou de bruços sobre o divã
enquanto as coristas descansam
alguém cuida dos meus pés

no vaso grego
Safo, pintada de vermelho
me cobre de óleo

isso não é fácil
ela me usa, sou seu livro
sinto cada letra sua





TRÊS POEMAS FEITOS SOB O ARAME

1.
isto não é um poema
é um conceito

me imagine amarrada com arame
sou um soneto:

quatro voltas nos ombros
quatro voltas nos pulsos
três nas coxas
três nos tornozelos

2.
Pyotr Pavlensky
enroscado
em um rolo de arame farpado
nu
em frente à Assembleia Legislativa de São Petersburgo
na Rússia

Singalit Landau
dançando hula
com um bambolê feito de arame farpado
nua
entre Jaffa e Tel Aviv
em uma praia de Israel



3.
minha utopia?
estar dentro da pensadora de Reinhard Schell
minha pele se fundir com o arame farpado
o aço cola
não haver espaço entre o material e a derme
essa acupuntura
minha única cura





suspensa em três poemas visuais

1.





2.





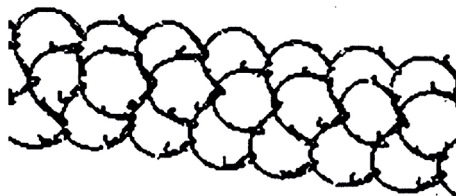
3.



SETE POEMAS SOBRE SETE DORES

1.
conte comigo:
uma argola no supercílio
no nariz, mais uma
nos lábios, claro
vários brincos
nos lóbulos das orelhas
dois círculos,
um para cada seio
três no umbigo
imagina mais cinco

2.





3.



glass shard
glass hard

4.



podometria para *foot torture*



5.
 se eu quero enlouquecer?
 ficar bem alta, quase suspensa
 entre a laje e o teto?

cravo
 crivo
 cara
 cera
 cardo
 cerdo
 cerda
 corda
 carpo
 corpo
 certo
 corto
 curto

6.
 o que, justamente, não incomoda
 é o tempo transcorrido entre o primeiro nó
 e o último, a dor percorre tudo
 isso em forma de curva

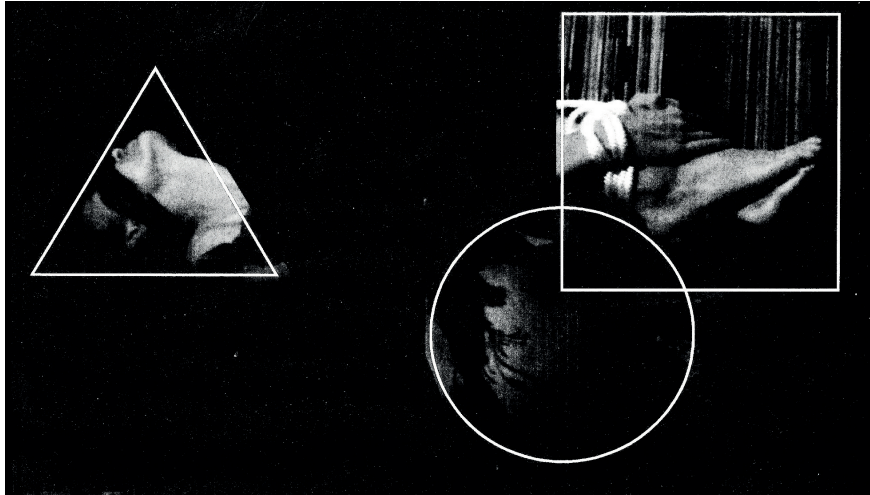
o e, u a en e, ão in o o a
 é o em o an o io em eo iei o ó
 eo ú io, a o e o e u o
 i o em o a e u a

qu, j st m t, n c m d
 t p tr sc rr d tr pr m r n
 lt m, d r p rc rr t d
 ss frm d c rv





7.



janelas para Isabell



TRÊS SONETOS BDSM

1.
três... algo que se enrosca, as cobras
algas em voltas como são sargaços
as cordas, essas sim, são as que gosto
mais voltas que as cobras e os sargaços

às vezes, uma só basta, precisa
longa o bastante para ser ao longo
fina, se queres cortes, sempre marcas
múmia, pacote, camisa de força

própria da loucura: consulte um site
sobre ballgag, shibari, bondage,
a resistência dos materiais

tudo para ser opus, obra, arte
arte do corpo como os octopus
meus quatro membros mais alguns tentáculos

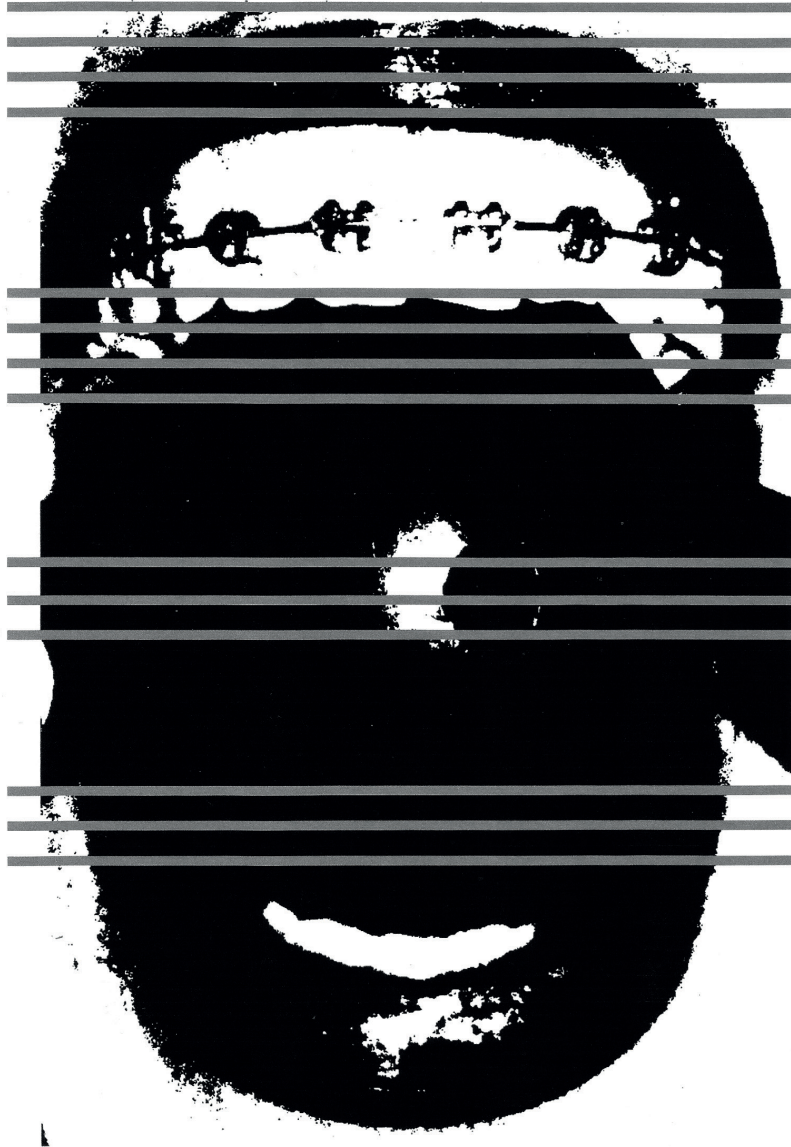


2.





3.



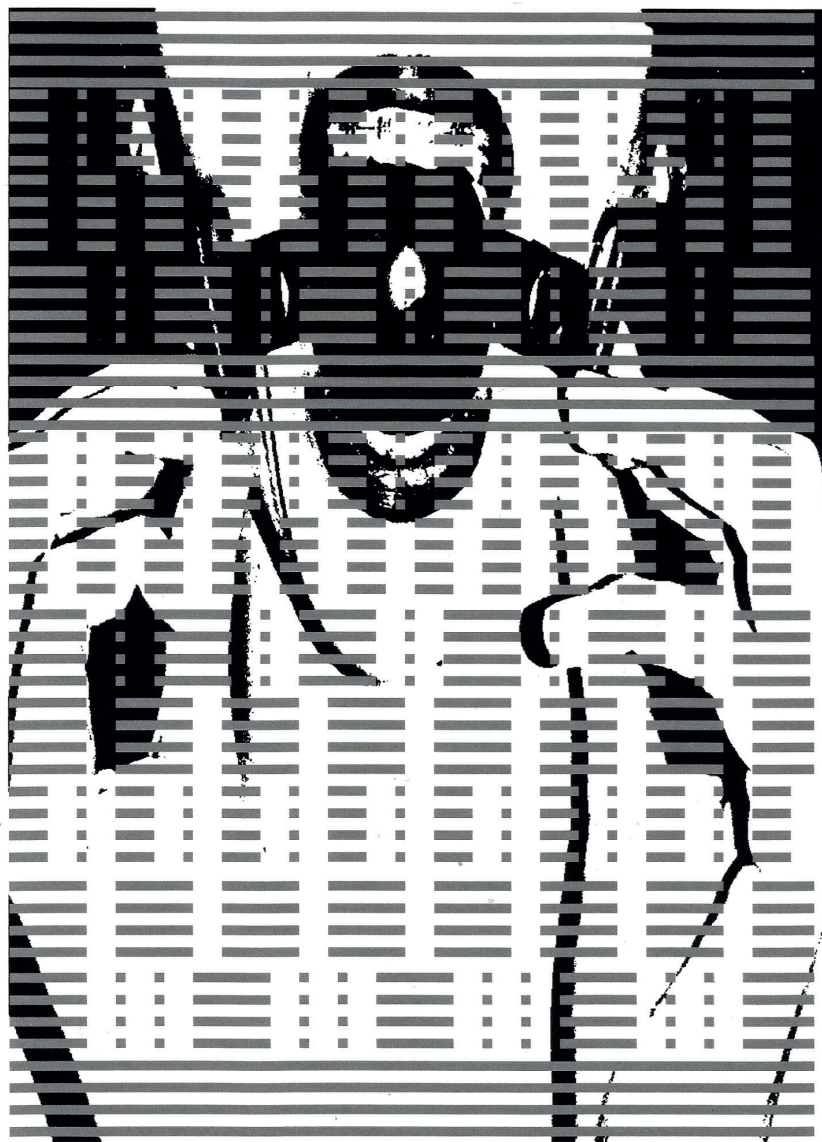


3.



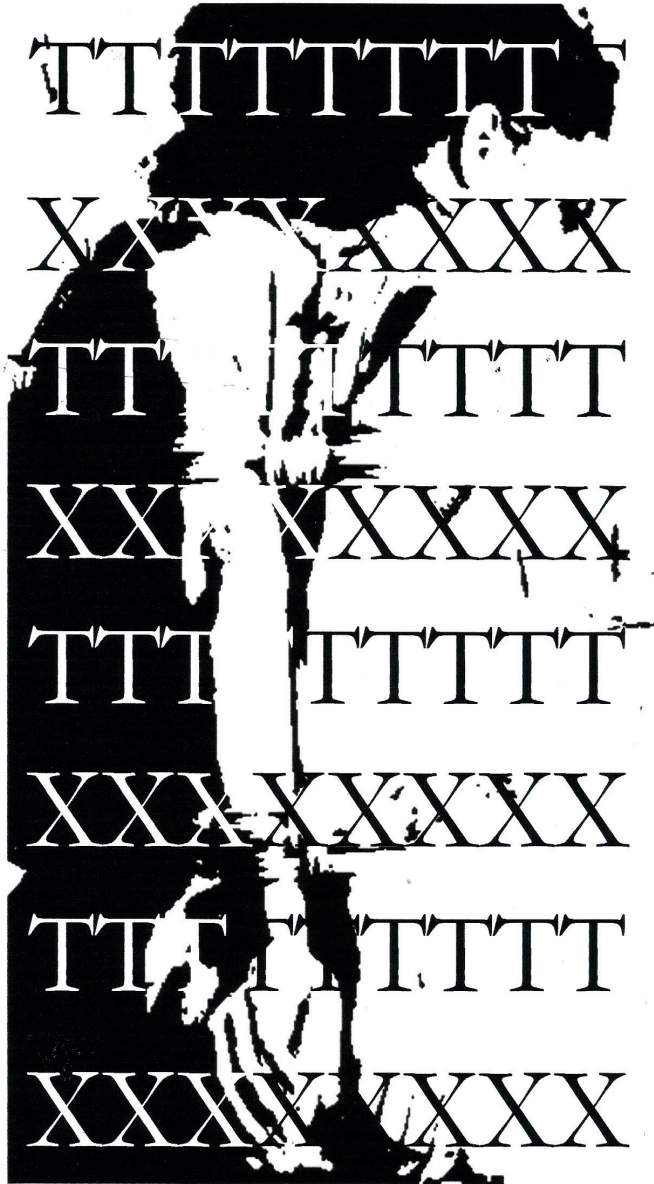


SM EM TRÊS POEMAS VISUAIS



ballgag em polifonia





bondage letrista



estou amarrada

as cordas dão conta de mim

nenhum abraço humano me acalenta

nenhuma palavra soa

mesmo assim sou antena

fluo na rede elétrica

feita de carne e osso

não só de literatura

poema referencial nº 1



A dialética da autoestrada
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018

